

## PREFÁCIO

### Avaliação da Educação Física, produtos e protagonistas

Se você vier me perguntar por onde andei  
No tempo em que você sonhava  
De olhos abertos, lhe direi  
Amigo, eu me desesperava<sup>1</sup>

A Pós-Graduação *Stricto-Sensu* (PG) e a produção de conhecimento da área de conhecimento Educação Física no Brasil (construção de dados e argumentos, sistematização, comunicação/divulgação dos resultados, distribuição, transferência e inovação) recebem críticas contundentes, procedentes tanto de agentes situados no ambiente a ela externo, quanto de seus protagonistas mais entusiasmados. Exceto seus afetos que acham que “tudo vai bem, tudo legal ...”<sup>2</sup>. Muitas coincidem com a avaliação da ciência brasileira em geral. Entre elas destacam-se: (a) a pouca capacidade de se transformar em tecnologia e processos de inovação que melhorem as condições de vida da população; (b) A pouca articulação com a Educação Básica e os recursos humanos que nela operam; (c) sua incapacidade de dar respostas a melhoria das condições sociais do povo, especificamente no campo da saúde, da educação e da sobrevivência material das populações dos extratos econômicos mais baixos; (d) Baixa contribuição estratégica para o desenvolvimento econômico e social do país (aqui é imposto sua transferência para indústria e o comércio de bens e serviços). Uma exceção parece ser o processo de produção de vacinas no território nacional para enfrentar o vírus da Covid – 19 (SARS-CoV-2), já quanto a logística da sua distribuição à população já não se pode dizer o mesmo; e) Excessiva ênfase no Produtivismo acadêmico, no produtivismo científico.

Perguntei a Inteligência Artificial (IA) o que é, o que significa produtivismo acadêmico e produtivismo científico? IA respondeu, escrevendo:

[...] o produtivismo acadêmico é uma prática que vem impactando de forma nociva a pesquisa científica ao longo dos últimos anos, sendo visto como uma anomalia, em que o pesquisador é praticamente obrigado – de forma normativa e institucional – a ter um determinado número de produção científica para se manter nos Programas de Pós-Graduação. Tem sido criticada por muitos pesquisadores e pesquisadoras que estão dentro e fora dos Programas de Pós-Graduação (PPG). Caracteriza-se pela excessiva valorização da quantidade da produção científica em detrimento da qualidade, prática que tem sido vista com prejudicial a pesquisa científica e a universidade brasileira.

---

<sup>1</sup> BELCHIOR. *A Palo Seco*. 1974, Gravadora: Philips.

<sup>2</sup> LUIZ GONZAGA DO NASCIMENTO. *Comportamento geral*. 1972. Gravadora Odeon.

O que significa isso? Significa que um “dispositivo de busca” percorre as inúmeras páginas da Internet e a IA formula/escrevendo uma resposta que um estudante ou uma estudante de PG mediana daria. Que há tanta gente criticando e escrevendo sobre isso, que a definição já é de senso comum. É possível pensar que essa crítica já seja de uso comum às comunidades que circulam na internet, que também muda o caráter dos textos acadêmicos/científicos e que a ideia de humanidade precisa ser pensada com afinco?

Quando comecei a ler os magníficos textos que compõem a coletânea contida no livro que me deram o privilégio de prefaciar, os ecos de um passado não muito distante ressoaram em minha mente. As críticas profundas dos colegas que participaram do debate sobre a avaliação da CAPES ganharam nitidez e sentido. As desiguais disputas de narrativas com pretensões de verdade, as possibilidades limitadas de compreender a realidade e construir leituras próximas da mesma, os embates teórico-metodológicos, as lutas, por vezes irracionais, por financiamentos, bolsas de estudo e reconhecimento, e porque não dizer, os confrontos por espaço e poder na micropolítica das Instituições de Ensino e Pesquisa e nos programas de PG vieram-me a memória e confundiram a história com a narratividade. “Nem sempre ganhando, nem sempre perdendo, mas aprendendo a jogar.”<sup>3</sup>

Estou na PG desde 1997, quando me integrei a um Programa de Pós-Graduação (PPG) na área de conhecimento Educação Física, e há mais de um quarto de século atrás selecionei minha primeira orientanda de mestrado/doutorado. Nesse tempo, por mais de 30 anos, desde 1992, defendi de diferentes modos a pesquisa e as análises qualitativas em Educação Física, fui bolsista de produtividade do CNPq - nas áreas de conhecimento Educação Física e Educação -, sem nunca ter passado do nível dois. Organizei, submeti a avaliação e coordenei com colegas, um curso de doutorado que integra um Programa de Pós-Graduação (PPG) nível 6, segundo os critérios de avaliação em voga na CAPES e participei com outros colegas mais jovens da escritura de um PPG na área de Ensino. Com muito orgulho, publiquei em português. Fiz o que se esperava de um professor de PG. Estive, ao mesmo tempo, afetado, determinado e corresponsável pelas políticas de desenvolvimento e avaliação da CAPES e do Sistema Nacional de Pós-Graduação (SNPG), pois como dizia um colega mais experiente “A CAPES somos nós.” (Embora, mais de uns do que de outros, digo eu!). Ainda assim, diante do debate entabulado sobre PG, sinto-me como aquele animalzinho que corre incessantemente atrás do rabo e com limitadas compreensões sobre a produção do conhecimento em Educação Física, a formação de professores (as) – pesquisadores (as) e a avaliação

---

<sup>3</sup> ARANTES, G. Aprendendo a jogar. Intérprete: Elis Regina. In: REGINA, E. Elis (1980). [S.l.]: EMI-Odeon, 1980. 1 CD. Faixa 5.

de seus produtos e suas ações no ensino, na pesquisa e na extensão. Sai dessas cenas com baixo índice de citações e muitas preocupações em relação ao futuro da área de conhecimento como sublinharam em seus textos, nessa coletânea, Alex Branco Fraga, Ivan Marcelo Gomes e Felipe Quintão de Almeida, mas entendo como Carlos Alberto Figueiredo da Silva que precisamos resistir coletivamente, a fim de garantir a continuidade de áreas de concentração, linhas de pesquisa e projetos de dissertação e teses, uma vez que elas serão a base de publicações futuras e têm relação reflexiva direta com as experiências humanas e sociais vividas dos brasileiros. Especificamente, refiro-me as subáreas sociocultural e pedagógica, que por uma série de razões complexas, não têm o mesmo reconhecimento e meios de produção que possui a subárea Biodinâmica. A disputa entre essas subáreas no âmbito da PG é uma guerra sem quartel, por vezes negação recíproca.

Acredito que os processos de resistência no interior da área são importantes, debatendo, mostrando as contradições e as inconsistências do SNPG, além do entreguismo do conhecimento produzido em nosso país à economia privada estrangeira, isto é, a entrega do país a “privataria”<sup>4</sup>. Contudo, penso ser necessário ações, sobretudo, políticas na estrutura de poder do estado, debate político-epistemológico nesse âmbito e controle do SNPG, reconhecendo que a avaliação dos protagonistas e seus produtos poucas vezes foi exclusivamente técnica e epistemológica ou neutra. Que os critérios de avaliação pertencem a quem avalia. Na maioria das vezes foram ações políticas que envolveram grupos de referência, departamentos universitários, instituições científicas e corporativas, reitores, pró-reitores e políticos alinhados que escolheram conforme seus interesses e convicções, os representantes de área, e o gestores do SNPG. As posições do professorado da PG raramente foram consideradas.

Recupero aqui a crítica de Corrêa, Corrêa e Rigo (2019, p.365)<sup>5</sup> quando afirmam que

[...] na área de conhecimento EFI [Educação Física], por referendar um dispositivo de avaliação predominantemente biológico, a configuração epistêmica e avaliativa que a rege reduz as condições de possibilidade de expansão das subáreas sociocultural e pedagógica no âmbito da pós-graduação da Educação Física brasileira.

---

<sup>4</sup> Termo utilizado por Elio Gaspari, na Folha de São Paulo. Refere-se a um neologismo que combina privatização com pirataria.

<sup>5</sup> CORRÊA, M. R. D.; CORRÊA, L. Q.; RIGO, L. C. A pós-graduação na educação física brasileira: condições e possibilidades das subáreas sociocultural e pedagógica. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 41, n. 4, p. 359-366, 2019. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-32892019000400359&script=sci\\_arttext](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-32892019000400359&script=sci_arttext). Acesso em: 12 out. 2021.

Daí é possível entender a hegemonia de uma área sobre outras e não se estranha que os professores-pesquisadores e professoras-pesquisadoras mais produtivos e produtivas do país (que concentram o maior volume de financiamento e bolsas de estudos e pesquisa de todas as ordens) procedam de áreas de conhecimento que detêm os melhores meios, estrutura e condições materiais objetivas para a produção de conhecimento em Educação Física, entre os quais o financiamento da pesquisa científica. São eles, portanto, acolhidos e com frequência assediados por periódicos científicos e editores estrangeiros com fim de dar visibilidade às suas pesquisas. Há uma recursividade entre a maior produção de conhecimento de uma subárea sobre outras e a disponibilidade de recursos e meios para essa produção.

Segundo o relatório de avaliação da CAPES (2017-2020) a

[...] Pós-graduação da Área 21 no Quadriênio 2017-2020, no qual havia 73 programas a serem avaliados, com as seguintes características: · 36 PPG da Educação Física (6 mistos com a Fisioterapia), 24 da Fisioterapia (5 mistos com a Fonoaudiologia), 10 da Fonoaudiologia e 3 da Terapia Ocupacional; · 6 programas com notas 6 e 7, 34 com nota 5 ou 4, 33 com nota 3 ou recém aprovados; · 35 programas da região Sudeste, 16 da região Sul, 14 da região Nordeste, 7 da região Centro Oeste e 1 da região Norte; · 3 programas profissionais e 70 acadêmicos; · 12 programas de IES privadas e 61 de públicas. (BRASIL, 2021)<sup>6</sup>.

Mas uma breve consulta ao BTD<sup>7</sup> da CAPES mostrou que há mais 100 áreas de concentração existentes nos Programas de Pós-Graduação e inúmeras linhas de pesquisas relacionadas nessa e em outras bases de dados que registram onde se ancora a produção científica brasileira da Educação Física. A área de conhecimento contribui com essa Base com algo próximo de 7.000 produções científicas. A grande maioria, de viés empírico-analítico, com fundamentação biológica e com sofisticados tratamentos estatísticos, em outras palavras, estudos que terão forte acolhida em periódicos científicos localizados nos estratos superiores do WEBQUALIS (ou QUANTIS, como sugere Giovani De Lorenzi Pires nessa coletânea) consolidando a recursividade viciosa que me referi antes. A leitura desses quantitativos também nos aponta questões importantes: (a) A PG na área conhecimento Educação Física está sob a responsabilidade de instituições públicas, portanto deve ter compromissos relacionados com servir ao público, a população. (b) À pluralidade e a diversidade da área de conhecimento que implicam metodologias e desenhos de investigação diferenciados e concepções teórico-metodológicas diversas e procedentes de diferentes vocações disciplinares ; (c) A Educação Física, como dantes, já não é maioria na área de conhecimento e sofre a

---

<sup>6</sup> BRASIL. CAPES/Diretoria de Avaliação. **Relatório de Avaliação Quadrienal (2017 -2020)**. Área 21, Educação Física. Disponível em: Area21-Relatorio Quadrienal 2021 (www.gov.br). Acesso em: 20 jun. 2023.

<sup>7</sup> Banco de Teses e Dissertações da CAPES.

influência da Fisioterapia da Fonoaudiologia e Terapia Ocupacional no desenvolvimento da área, o que dificulta e subjuga ainda mais o desenvolvimento das subáreas sociocultural e pedagógica às pretensões hegemônicas de um modelo de investigação, avaliação e comunicação científica; (d) se a área é diversificada e plural a unificação de critérios para produtos diferenciados é tão equivocada como a diversificação de critérios para produtos semelhantes. Nesse caso, levanto a possibilidade de avaliações diferenciadas para as diferentes subáreas, ou até mesmo a maximização da autoavaliação dos programas (sem esquecer que a avaliação “mais qualitativa” propalada é um eufemismo da real avaliação quantitativa que se processa na PG).

Por que então se faz estratificação de pesquisadores, pesquisadoras e de seus produtos? Para garantir alguma qualidade da PG? Pode ser, mas o discurso escamoteador da qualidade e a avaliação quantitativa servem para definir recursos, meios, condições e financiamento para projetos e bolsas no âmbito das agências de fomento, o que resulta em capital político na hora de definir entes, planos e políticas de PG. Mais dinheiro para quem já tem de sobra (exceção feita ao negacionismo científico que recentemente esteve presente na política brasileira que zerou ou quase os recursos para a ciência em nosso país). Particularmente, penso que a PG vem perdendo qualidade exatamente em razão do quantitativismo produtivista e da aceleração na formação de mestres e doutores (produzir mais em menor tempo).

Nos textos que se seguem, há uma exposição da representante da CAPES, a Coordenadora Adjunta de Programas Acadêmicos da área 21 - Educação Física: Claudia Lúcia de Moraes Forjaz – USP/SP - que didaticamente explica o processo de avaliação da PG e como está organizado o WEBQUALIS. Apresenta argumentos que sugerem que as críticas endereçadas à avaliação da CAPES e como ela é feita na área 21 estão enviesadas, até mesmo exageradas. Além disso, tenta nos convencer de que a avaliação está melhor e menos quantitativa e que o “sistema” está contribuindo no sentido de se considerarem, cada vez mais, as particularidades das subáreas dentro da Área 21, ou seja, das ciências biológicas e da ciência de humanidades. De todos os modos, o debate público sobre a avaliação da CAPES, na área de conhecimento Educação Física, livrou-se de um alucinado, ficando em mãos de uma pessoa sensata.

Contudo, parece que a versão de vários debatedores, não coincidem com a visão de Claudia sobre a avaliação da área 21 e sobre o WEBQUALIS. Na mesa de debates sobre os “Impactos da avaliação da área 21 sobre os periódicos da Educação Física: rupturas, continuidades e desafios” (Mesa 1), estão Alex Branco Fraga - UFRGS, Giovani De Lorenzi Pires - UFSC, Alexandre Fernandez Vaz - UFSC, Michelle Carreirão Gonçalves - UFRJ e Gisele

Carreirão Gonçalves - FCEE/SC. Alex considera que a avaliação através do WEBQUALIS adota, em sua maioria, métricas que estão em desacordo com a complexidade do objeto de avaliação, desvalorizando os periódicos brasileiros. Subtraem, portanto, a produção das áreas socioculturais e pedagógicas da Educação Física. Segundo o autor, a CAPES não mede o que precisa ser medido. Giovani usa uma máxima: [... no Qualis] fomos todos empurrados para baixo! Os erros [do processo de avaliação] são tantos que seria constrangedor nomeá-los. Isso é o que crê esse autor, quando alude à discussão coletiva no do Fórum de PG do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte. Alexandre, Michelle e Giselle (editores de uma revista que não pretende disputar o lugar da mais querida do Brasil, mas quer servir ao professorado de Educação Física que está “no chão da escola”) sublinham o conservadorismo do SNPG e propõem que não sejamos “[...] obedientes e assumamos o papel de protagonistas na discussão dos critérios de avaliação.”.

Participam do debate “Do mestrado acadêmico ao profissional – As subáreas sociocultural e pedagógica em foco: percepções de coordenadores sobre a produção de pesquisadores quanto a transição de uma avaliação mais qualitativa” (Mesa 2) Felipe Quintão de Almeida – UFES e Ivan Marcelo Gomes - UFES, Denise Ivana de Paula Albuquerque – UNESP e Carlos Alberto Figueiredo da Silva – UNIVERSO/PGCAF. Felipe e Ivan apresentam, entre outras questões, uma análise consistente do modelo multidimensional de avaliação da PG. Observam, que tanto as reflexões do Fórum, quanto a análise que fizeram do modelo proposto pela CAPES, são oportunidades para rever paradoxos e ambiguidades da avaliação dos PG que já foram denunciados há muito tempo. Para isso, tomam como referência dois documentos emitidos por essa agência de fomento em 2019: a) *Avaliação multidimensional de programas de pós-graduação* e, b) *Proposta de aprimoramento da avaliação da pós-graduação brasileira para o quadriênio 2021-2024 – modelo multidimensional*. Entre os limites do modelo a ser revisto, apontam a relação da noção de internacionalização com ênfase à língua inglesa. Denise faz uma descrição detalhada e substantiva do Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (ProEF) e sua importância para a formação continuada do professorado de Educação Física e da inovação do ensino-aprendizagem da Educação Física escolar, uma vez que conjuga o trabalho e a pesquisa inovadora nesse ambiente. Conclui seu texto sublinhando que o ProEF está “revolucionando” a Educação Física escolar, desejando vida longa ao Programa. Carlos Alberto sugere resistência a política vigente no SNPG e aponta algumas sugestões para superá-la. Segundo ele, a comunidade precisa pensar no conjunto de entes e as articulações que envolvem a PG e superar o individualismo, o modelo estrangeiro das grandes corporações e a lógica do capital predador que prepondera

na PG. Aponta o caminho da colaboração e da solidariedade acadêmica para superar o modelo vigente e o que está por vir.

Participam do debate “Um balanço sobre a mudança de uma avaliação mais qualitativa sobre os programas em educação Física brasileiros e suas repercussões sobre as subáreas sociocultural e pedagógica” (Mesa 3) a Coordenadora Adjunta de Programas Acadêmicos da área 21 - Educação Física: Cláudia Lúcia de Moraes Forjaz – USP/SP (como mencionei antes), Caio Serpa - UERJ, Rômulo Reis - UERJ, Silvio de Cassio Costa Telles – UERJ/UFRJ. Enquanto Caio, Rômulo e Silvio, que também exerce o cargo de Coordenador do Fórum de Pesquisadores/as das subáreas Sociocultural e Pedagógica e Fórum da Pós-Graduação do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (2022-2023 - CBCE), apresentam uma pesquisa do grupo de pesquisa ao qual pertencem sobre as publicações nas subáreas sociocultural e pedagógica, Cláudia descreve o processo de avaliação da PG na Educação Física (área 21) e afirma que a avaliação está mais qualitativa do que versões anteriores dessa avaliação.

Acredito, finalizando, que a PG na área 21 têm evoluído. Mais na visão de quem concentra o poder de normatizá-la e regulamentá-la. Claro está que não é mesma do final do século passado, mesmo em suas versões culturais subalternas (sociocultural e pedagógica). Há um processo entrópico que vem desde quando começamos a discutir “o que é educação física?”, há mais de 40 anos, mas ainda concentra um conservadorismo hereditário procedente da própria formação da área como totalidade. Esquece que as características e políticas identitárias de uma área de conhecimento, sejam elas procedentes de terminalidade disciplinares que a influenciaram ao longo de sua breve história, ou de demarcadores sociais contemporâneos recentes e relevantes, vem influenciando na pluralidade das narrativas e na diversidade de atores que a tem como foco de reflexão teórica - campo empírico de conhecimento e pesquisa. Portanto, a Educação Física resente-se de poder de autodeterminação e critérios mais abrangentes e diferenciados para a avaliação dos seus produtos e protagonistas. Você pensa que a PG da Educação Física é uma só? Os textos desse livro têm respostas muito interessantes sobre isso.

“Sei que assim falando pensas Que esse desespero é moda em 76[2023]”

Boa leitura!

*Vicente Molina Neto*